

# FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM CUIABÁ

## IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE

*Suíse Monteiro Leon Bordest*<sup>1</sup>

*Elizabeth Madureira Siqueira*<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo refletir sobre os temas *identidade e religiosidade* no enfoque da “Festa do Divino Espírito Santo”, considerada patrimônio imaterial da cultura mato-grossense. A pesquisa documental foi realizada no Arquivo da Casa Barão de Melgaço, sediado no Centro Histórico da cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. A leitura dos documentos, com registros de autores locais e regionais sobre a Festa do Divino Espírito Santo, buscou amparo no aporte teórico fenomenológico, que possibilitou reflexão sobre identidade na atualidade.

**Palavras-chave:** Festa do Divino Espírito Santo. Identidades. Casa Barão de Melgaço.

**RESUMEN:** Este Artículo es reflexionar sobre “identidades” al Tiempo el cuestiona ese sentido es “tradición” en Los Tiempos Actuales, centrándose en la “Fiesta del Espíritu Santo”, como patrimonio cultural inmaterial de Mato Grosso. La Investigación en el documental da cuenta si Archivo de la Casa del Barón Melgaço, con sede histórica en la ciudad de Cuiabá, capital de Mato Grosso. La Lectura de los documentos, los registros con autores locales y Regionales en la Fiesta del Espíritu Santo en el refugio es la teoría fenomenológica, por lo que permitio Reflexión Sobre la Identidad y la Tradición en la Actualidad.

**Palabras-Clave:** Fiesta del Espíritu Santo. Identidades. Casa Barón Melgaço.

---

1 Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia / UFMT – Sócia efetiva do IHGMT. bordest@uol.com.br

2 Curadora da Casa Barão de Melgaço; professora colaboradora do PPGE/UFMT, Sócia efetiva do IHGMT e da AML. bethmsiqueira@gmail.com

## PALAVRAS INICIAIS

Este artigo tem por objetivo refletir sobre os temas *identidade e religiosidade* no enfoque da “Festa do Divino Espírito Santo”, considerada patrimônio imaterial da cultura mato-grossense. A pesquisa documental foi realizada no Arquivo da Casa Barão de Melgaço, sediado no Centro Histórico da cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. A leitura dos documentos, com registros de autores locais e regionais sobre a Festa do Divino Espírito Santo, buscou amparo no aporte teórico fenomenológico, que possibilitou reflexão sobre identidade e na atualidade. A Festa do Divino é tema que tem merecido, nos últimos anos, estudos sob olhares diversos, sendo que o enfoque deste artigo terá como centralidade religiosidade e identidade.

Teixeira & Nogueira (1999, p. 239) lembram que a subjetividade permeia as diversas análises e visões de mundo, resgatando a importância da identidade de pessoas e lugares. Na visão das autoras citadas a leitura fenomenológica propicia a análise da relação entre a identidade do espaço e o mundo vivido, e retomam a afirmação de Betannini (1982, p. 240), “[...] os objetos que constituem o tecido das relações espaciais foram dotados pelo homem de significados: o espaço, portanto, fala...”. Cabe à leitura fenomenológica desvendar os diversos sentidos da fala, seja através de representações e mapas mentais, de representações de conceitos espontâneos ou valores atribuídos à geografia e ao espaço.

Considerando que a atribuição de significados do ambiente que nos cerca é fruto da cultura, a qual também pode ser representada na atitude dos humanos em relação ao meio ambiente, fundamentamos nossas considerações em autores que perpassam o acolhimento do lugar.

Lugar e espaço são categorias valorizadas por Tuan (1983) ao considerar as múltiplas maneiras pelas quais as pessoas sentem e pensam a esse respeito. Para o autor lugar é segurança enquanto espaço é liberdade. “Topofilia” é o termo por ele difundido para designar a relação afetiva do indivíduo ao lugar.

Carlos (1996, p. 25) mostra que se pode buscar o “entendimento do lugar nas práticas mais banais e familiares, o que incita pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, no parcelar, no plural como patrimônio imaterial da cultura mato-grossense”.

Assim considerado e com base nos autores citados especialmente em Tuan (1983), busca-se neste texto compreender o significado do

*percebido, vivido e construído* pelos homens e mulheres nos dias da Festa do Divino Espírito Santo em Cuiabá.

Ao recuperarmos nos relatos escritos, aspectos de vivências cotidianas do povo cuiabano no espaço religioso, propõe-se compreender identidades de pessoas e lugares num dado tempo de sua história. Para isso buscamos apoio em Hall (2003) ao discutir algumas questões sobre a identidade na modernidade tardia:

[...] o homem da sociedade moderna tinha identidade definida e localizada no mundo social e cultural. Mas, uma mudança social está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Se antes estas identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade.

Para tratar o assunto deste artigo buscou-se refletir sobre alguns aspectos conceituais e práticos referentes à *mudança de identidade* no âmbito do patrimônio imaterial de Mato Grosso. No contexto da religiosidade do povo mato-grossense, a Festa do Divino está entre as manifestações de maior devoção, de modo especial, nas áreas de ocupação mais antigas, como Cuiabá, cidade setecentista, capital do Estado de Mato Grosso. (Fig. 1)

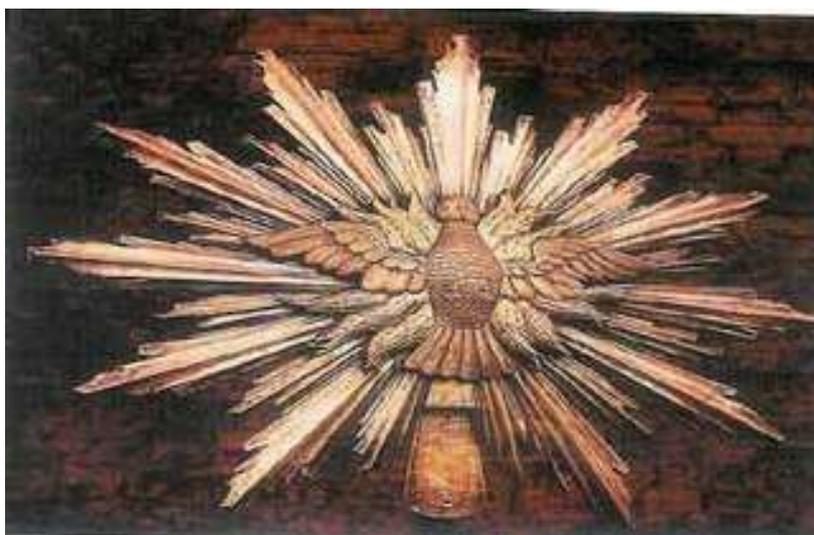


Fig. 1. Insígnia do Divino Espírito Santo. Fonte: Loureiro, 2006.

Localizada no centro histórico de Cuiabá, que já foi o mais nobre da cidade, a Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, cuja arquitetura foi remodelada através dos tempos, é o lugar onde se realiza tradicionalmente a Festa do Divino Espírito Santo (Fig. 2).



Fig. 2. Igreja e Praça da Matriz, hoje demolida. Década de 1950. Fonte: Cuiabá de vila a metrópole, p. 78.

Para comentar o assunto, retomamos em Hall (2003) algumas questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia, “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado”. (HALL, 2003, p. 7).

### CONTEXTO ESPACIAL DA FESTA DO DIVINO

Carlos Rodrigues Brandão acredita que o costume de festejar o Divino Espírito Santo no Brasil veio de Portugal, trazido pelos missionários jesuítas e primeiros colonos. As festas do Divino, semelhantes ou não, em diferentes regiões do Brasil, acontecem na Região Centro-Oeste, sendo uma das mais famosas, a festa da cidade goiana de Pirenópolis. Referindo-se aos preparativos da comemoração em Pirenópolis, que demanda o envolvimento de muitas pessoas e diversas atividades, certifica Brandão (1989, p. 12), que esses personagens “[...] trabalham um ano quase inteiro para colocar na rua, na casa do *império*, na praça da cidade e até na igreja seus dias de reza da novena e, no auge de tudo, o fim de semana dos *dias de festa*”. O ritual que caracteriza o tempo de festa do Senhor Divino, de acordo com Brandão (1989, p. 12):

[...] apresenta uma parte religiosa que é *composta invariavelmente de novena, missa e procissão* [...] e a segunda parte resolve-se nas ruas, nas praças em visitas cerimoniais de casas na cidade, num campo de futebol, por três dias transformando no terreno dos jogos e da batalha simbólica das cavalhadas de Cristãos e Mouros como em Pirenópolis ou em São Luís de Paraitinga.

Contemplando a descrição de Brandão, percebe-se que a Festa do Divino no estado de Mato Grosso, apresenta semelhança nos principais atos, os quais são articulados em dois momentos: o religioso e o profano. Ocorrem tradicionalmente nas cidades mato-grossenses de Vila Bela da Santíssima Trindade, Poconé e Cuiabá, para citar alguns exemplos.

Na cidade pantaneira de Poconé, a tradição da batalha simbólica das Cavalhadas de Cristãos e Mouros e a dança de Mascarados, continuam acontecendo, atraindo um número expressivo de participantes (Fig. 3).



Fig. 3. Cavalhadas de Cristãos e Mouros. Fonte: Foto Internet.

## A FESTA DO DIVINO EM CUIABÁ

Maria de Lourdes Silva Ramos foi uma das intelectuais que dedicou o livro *Relembrando os festejos do Senhor Divino* (2000) para colocar em evidência esse ritual tão típico do Centro-Oeste e, especialmente, de Cuiabá, a festa do Divino. Seus escritos dizem respeito às festas realizadas entre os anos de 1926 e 1930. Para iniciar os festejos, bandos percorriam as ruas anunciando as festividades e convidando a população a participar das mesmas.



Fig. 4. Bloco canavalesco de Cuiabá, em carro alegórico, déc. 1920. Fonte: ACBM/Acervo da Família Rodrigues.

Tudo tinha início com o levantamento do mastro na Praça da República, em frente à igreja Matriz do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, momento de uma festa e alegria.



Fig. 5. Centro de Cuiabá. Em primeiro plano, Igreja Matriz, déc. 1970. Fonte: ACBM/Acervo da Família Rodrigues.

Recorrendo à definição de bando, na concepção de Ferreira Mendes: “Duzentos, trezentos e mais cavaleiros fantasiados com os corcéis ajaezados de prataria, os xairéis matizados de fitas multicores, tendo à frente um arauto que declamava em versos o programa das solenidades e nos quais a crítica delicada anatematizava costumes pessoais da sociedade, erros dos homens políticos, e enchia a tarde de uma alegria expansiva de festa (FERREIRA MENDES apud RAMOS, 2000, p. 12).

É ainda Silva Ramos que transcreve um interessantíssimo bando que, pelo seu tom humorístico, marcava indelevelmente a festa do Divino:

Eu, Sinfrônio Simplício Sinforoso,  
 Capitão da Briosa, destemido,  
 Tenho fama de bravo e valoroso,  
 Embora viva aqui, sempre esquecido  
 Venho agora por parte do Festeiro,  
 E por ser dentre os mais – o mais ladino,  
 Anunciar para o povo muito ordeiro  
 Que chegada é a festa do Divino

Embora seja fraco na chalaça  
 E não tenha de graça nem um triz,  
 Engoli alguns copos de cachaça  
 Para ficar com carmim no meu nariz  
 E como permitir ‘a força humana’  
 Que é uma força aliás que sempre presta,  
 Vou ler pra toda a gente cuiabana  
 O colosso programa desta festa

No dia 27, finalmente.

Grande missa haverá e procissão.

À noite, um rasta-pé muito imponente

Pra rematar de vez toda a função...

E agora que já dou por terminada

Minha parte também nesta folia,

Vos digo certo: pra frente rapaziada,

Vamos pregar em outra freguesia... (RAMOS, 2000, p. 14)

As moças que participavam da festa do Divino se faziam representar com trajes de gala e extremamente elegantes. Comentando sobre isso, Dunga Rodrigues assim se expressou:

Neste ano, a juíza ou rainha ostentou um guarda-roupa luxuoso, e o vestido do dia foi obra de D. Carolina. Costureira sóbria, faria inveja ao Cardin dos nossos dias. A Casa Eufrosina faturou alto; nesse ano houve touradas. E até as moças da Mandioca usaram chapéus. Não quiseram ficar por baixo do pessoal do Lavapés, que quebrava chapéu nos três dias, cada qual diferente do outro. (RODRIGUES apud BASTOS, 2000, p. 16)

O *footing* servia de passarela para que moças e rapazes pudessem expor seus trajes de gala. Relembra Maria de Lourdes:

Para mim, ele se transforma em legítima passarela. Passarela de elegância, pois senhoras, senhoritas e cavalheiros com certeza estrearão hoje trajes novos, *toilettes* especialmente feitas para a ocasião, submetidas ao rigor da moda, já que grande número dos presentes considera as touradas o ponto alto das comemorações da festa do Senhor Divino. As senhoras exibem chapéus de curiosos modelos, alguns muito elaborados de fitas e flores, enquanto as mais moças faziam questão de ostentar um chapéu a cada dia.

As moças que chegavam de Corumbá para a festa causavam sensação ao apresentar finos trajes (creio que vindos alguns de Montevideu, via rio da Prata, como acontecia), trajes esses que se completavam com finas joias em que o ouro não se fazia de rogado.

A elegante D. Eufrosina também comprava em Montevideu, abastecendo sua tradicional loja com o que havia de mais moderno, proporcionando à mulher cuiabana todo um apreciável estoque de tecidos: filó, georgetes, musselinas e *romains*. Rendas, fitas, fivelas e botões (artigos vindos da Europa, via Montevideu), indispensáveis à confecção dos bem adornados vestidos, *douchese e plissés*. Meias, sapatos, chapéus e sombrinhas. (RAMOS, 2000, p. 32)

Para realização da festa do Senhor Divino necessário se fazia arrecadar verba para amparar os diversos momentos, especialmente àqueles em que se oferecia à população, além de chás com bolos, jantares e bailes. Para isso, a coleta das esmolos se tornava um momento decisivo na garantia do brilho das festividades. É Dunga Rodrigues que relembra a jocosidade desse momento:

As esmolos foram à folia de sempre. No último dia o comércio fechou, a Prefeitura não funcionou, até o Tesouro do Estado suspendeu o pagamento de aposentado, para que todos desfrutassem daquele verdadeiro piquenique ambulante, verdadeiro assalto às chácaras do Bufante e do Baú. Nunca se chupou tanta laranja. (DUNGA apud BASTOS, 2000, p. 21).

Outros cuiabanos, como Clóvis Corrêa da Costa, dedicou escritos sobre a coleta das esmolos: “As casas eram visitadas uma a uma, de todas as ruas da cidade e de bairros distantes, por isso duravam três dias. [...] Quem não pudesse dar dinheiro contribuía com galinhas, porcos, cabritos, frutas, bolos.” (CARDOSO apud BASTOS, 2000, p. 21)

Outra característica marcante de Cuiabá são os fogos que, desde o século XIX, foram lembrados pelo viajante alemão Karl von den Steinen, e lembrado por Dunga Rodrigues: “Rodinhas, mirabolantes, pistolões lacrimosos, rojões tonitruantes preparados cuidadosamente pelo Dedêo, culminando pela apoteose do Senhor Divino, que emergia na bandeira de morim, após os estardalhos da rajada de busca-pé, que varavam o céu, deixando nítida figura do pombo simbólico estampada no branco”. (RODRIGUES apud BASTOS, 2000, p. 23).

Em 1923, a festa do Senhor Divino finalizava numa grande apoteose, com a encenação das touradas, encenadas naquela época no Campo do Ourique (atual Praça Moreira Cabral). Conta-nos em detalhes Maria de Lourdes Silva Ramos, que delas participou:

Compunha os numerosos camarotes, engrinaldando-os a alguns metros do chão por todo o frondoso Campo do Ourique.

O espaço que lhe cabia, cada família haveria de transformar no mais bonito, no mais fresco, no mais confortável, no mais romântico dos camarotes – mesinhas e cadeiras trazidas de suas residências.

Ornamentados alguns com guirlandas de flores, repuxados e laçarotes vistosos, em pouco tempo esses alpendres se transformariam em palcos de elegância, já que senhoras e cavalheiros, envergando o melhor de seu guarda-roupa, por eles transitavam.

Eram as touradas!

[...] Armados os camarotes (os melhores lugares eram voltados para a caixa d'água da cidade, o lado da sombra), delineados os vários espaços, era construído um enorme curral, onde os touros permaneciam até o momento em que, passando pelo mangueiro, iriam ter às arenas.

Como num passe de mágica, sem contar com empresas de espécie alguma, em pouco tempo o local seria servido de restaurantes e pequenas doceiras, com boa variedade de bolos típicos da terra, doces, bebidas onde não faltavam as gasosas tão apreciadas pelos mais jovens, contidas em suas bonitas garrafinhas e sempre refrescadas por enormes barras de gelo. (RAMOS, 2000, p. 27-28)

Costuma-se dizer que o mundo atual está mudando muito rapidamente e de uma maneira complexa, sendo difícil distinguir as alterações mais significativas e que terão maior influência na sociedade futuramente.

Na esteira da reflexão de Hall (2003), indagamos: As novas identidades híbridas estão tomando o lugar de antigas identidades regionais em Mato Grosso?

Obtida através do levantamento realizado no acervo do Arquivo da Casa Barão de Melgaço, a interpretação de autores locais, como Firmo Rodrigues, Dunga Rodrigues Maria de Lourdes Silva Ramos e Rubens de Mendonça, dentre outros que recuperaram a Festa do Divino no início e meados do século XX, pode aguçar nossa imaginação, levando às considerações de Hall quanto à tensão entre o global/local e da compressão espaço-tempo e identidades.

Além de inúmeros fatos consta ainda nos registros da Família Mendonça trechos de orações e cânticos de louvor ao Divino Espírito Santo da década de 1960, como segue:

Oração:

Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado. E renovareis a face da terra.

OREMOS: Deus que instituístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo. Fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo nosso Senhor. Amém. (ACBM – FM, doc. 128).

Rubens de Mendonça se refere ao **Edital** que convidava para as tradicionais festas do Divino, no ano de 1969, data em que a capital mato-grossense completou duzentos e cinquenta anos de sua fundação e que transcrevemos alguns trechos do programa:

As festas se iniciam no dia 15 de maio com o levantamento solene do mastro com sua bandeira pelo Capitão de Mastro. Do dia 16 a 24 do mesmo mês, sejam efetuadas as esmolos e que a gloriosa bandeira do Divino Senhor e suas insígnias sejam levadas piedosamente em todos os lares desta legendária cidade como mensageiras de paz e amor.

Que nos dias 19, 20, 21, 22, 23 e 24 haja festivas barraquinhas sempre às 19 horas e trinta minutos no piso da nova Catedral.

E, que no dia 25, se realize além das ditas barraquinhas, um pomposo leilão no mesmo local e horas.

E que em todos os dias da novena na Igreja Catedral seja celebrado o santo sacrifício da missa invocando o Espírito Santo no horário do atual costume, isto é, às 19 horas.

E que o dia 25 - Domingo da Festa- revista-se de grande solenidade.

Além das missas de costume, a missa das 9 horas e 40 minutos seja solene e celebrada pontificalmente. Para tanto que se convide para officiar este ato Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Metropolitano Dom Orlando Chaves e todo o clero e seminaristas. Às 16 horas seja novamente convidado o venerando Arcebispo para administrar o santo sacramento da Crisma.

Às 17 horas e 30 minutos que o povo cuiabano acompanhe a procissão, durante a qual Suas Majestades, que Deus guarde, carregarão as insígnias juntamente com o Príncipe e Princesa.

Ao recolher a procissão, celebre ainda o santo sacrifício da missa e haja o leilão mencionado.

Todos os que deste edito tiverem conhecimento e se esforçarem para que ele seja fielmente cumprido recebam a paz do Divino Senhor.

E que também seja abençoado esta cidade toda do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, relíquia doirada de tantos feitos gloriosos do passado e principal esperança da imensa pátria brasileira. (ACBM-FM doc. 982).

## A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E O PROCESSO DE MUDANÇA

Nos dias atuais, assim como já considerado nas referências à Festa de São Benedito (vide PASSOS; BORDEST, 2009), observa-se no contexto da celebração da festa do Divino Espírito Santo, a permanência do sentimento de fé ao sagrado, embora quase sempre amalgamado a um novo ideal consumista. Hoje, a celebração da missa se torna um “acontecimento”, cenário da manifestação religiosa. Uma representação, emocionante e capaz de contagiar o público presente.

Com base no depoimento do dia 10/06/2013, concedido por João Carlos Vicente Ferreira, na modalidade de Imperador da Festa do Divino em 2010, o calendário litúrgico a festa contemporânea acontece entre o final de maio e início de junho, devendo finalizar no Domingo de Pentecostes, 50 dias após o domingo de Páscoa, quando se comemora, segundo a Igreja Católica, a volta de Cristo ao Pai, na Ascensão e envio do Espírito Santo, celebrado com alegria e exaltação. Apesar das alterações, ainda hoje o ritual da festa continua, sem que possam comprometer o andamento das cerimônias.

Do comentário de Ferreira (2013) e das anotações do fascículo com a Programação da Festa do Divino de 2013, extraímos um resumo dos ritos: A **Abertura da Festa** na Catedral Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, começa na segunda-feira às 18h00 com o Cenáculo com MSM (Movimento Sacerdotal Mariano); às 18h30 Missa e às 19h30 com o **Levantamento da Bandeira** do Divino Espírito Santo. Iniciando na terça-feira e prolongando-se durante nove dias, acontecem a **Esmola**, que percorre as ruas da cidade em dois turnos, pela manhã às 7h30 e a tarde às 13h30 e a **Novena** na Catedral às 19h30 e ainda a **Missa** às 18h30. Finalizando a programação, na sexta feira, além da esmola e missa, às 18h30 é realizada uma

Sessão Solene na Câmara Municipal de Cuiabá, instituída por meio da Resolução 004, de 24 de maio de 2012, e o Baile dos Festeiros, que atualmente acontece no Hotel Fazenda Mato Grosso; no sábado às 18h30 Missa e Vigília de Pentecostes na Catedral, e no Domingo de Pentecostes, Missa Solene realizada pelo Arcebispo às 16h00 e Procissão em seguida. As 19h00 encerra-se a Festa com realização da Quermesse na Praça Alencastro.

Entendemos, assim, que a festa do Divino, impregnada de imaginário que lhe traz o sentido de permanência e recordação, apresentou significativas alterações no seu ritual, ao longo de dezenas de anos, evidenciando as novas tendências de cada momento histórico, mas, concordando com Ferreira (2013), sem comprometer o andamento das cerimônias e, portanto, conservando suas identidades mutantes.

Realizada desde os primórdios em um templo sagrado que apresentava uma geografia definida, com a igreja sediando as cerimônias religiosas, a festa do Divino Espírito Santo continua existindo, mas, diferentemente de épocas passadas. Hoje, as missas, as procissões já não ostentam o *glamour* de antanho, cujo magnetismo arrastava a população por inteiro. Como acontece com a festa de São Benedito, “fragmentos dos festejos dos anos cinquenta e sessenta se repetem, porém num contexto de mudanças próprias do mundo atual, que aos nossos sentidos parece ocorrer com incrível celeridade”. (PASSOS; BORDEST, 2009).

A loja Eufrosina, que abastecia com tecidos, adornos, toilettes e aviamentos as costureiras cuiabanas, já não mais existe, porém uma praça foi batizada com seu nome, um canto da tradição cuiabana.

As touradas foram extintas na década de 1930, visto terem sido condenadas por causa da violência que se procedia com o animal, e com ela deixaram de existir os camarotes e o footing no Campo do Ourique.

Resistiram ao tempo, no entanto, a encenação do levantamento do mastro, coleta de esmola e o baile, além dos fogos durante toda a Festa.

Fiquemos outra vez com Hall (2003, p. 12): “o sujeito previamente vivido, como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceituado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade

se revela numa “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). É definida histórica e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em momentos distintos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Insistimos nas ponderações de Hall (2003, p. 13): Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se nós sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”.

A rapidez e complexidade de mudança do mundo atual torna difícil distinguir quais mudanças serão mais significativas e terão maior influência nas sociedades futuras. Entretanto, nem tudo muda com a mesma rapidez, a exemplo da Festa do Divino Espírito Santo em Cuiabá, que continua sendo uma das mais expressivas manifestações culturais de Mato Grosso. Mas, até que ponto a interpretação dessa festa, considerada patrimônio imaterial mato-grossense, pode exemplificar o significado de mudança?

Muito apropriadamente, sugere Hall (2003, p. 39): Ao invés de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento.

Para calçar nossa argumentação, valemo-nos de alguns exemplos que identificam a tensão entre o passado e o presente e que nos situa diante dos problemas atuais. As festas do Divino Espírito Santo, tidas como práticas individuais ou coletivas, sejam as de outrora, sejam as atuais, evidenciam um contínuo processo de mudança.

Conforme Tuan (1983, p.151) “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”.

A descrição da festa do Divino Espírito Santo, na interpretação de autores locais do início e meados do século XX, obtidos através de registros nos arquivos das Famílias Rodrigues e Mendonça, entre outros autores cuiabanos, como Maria de Lourdes Silva Ramos pode estimular nossa imaginação, quanto ao significado da Festa do Divino nos diferentes momentos da História e da cidade. Encaminhando nosso olhar, conforme Tuan (1983), para um “mundo vivido, percebido e construído” pelos participantes no dia a dia da festa.

Sem descurar da enorme complexidade que envolve o assunto, conforme lembra Escosteguy 2001, e ancorada nos autores referen-

ciados, foi possível, ainda, concordar que a subjetividade permeia as diversas visões de mundo, reconhecendo que são as diferenças e não as semelhanças que definem as identidades.

É nesta dimensão que a Festa do Divino Espírito Santo tem identidades/identificações construídas por condições tradicionais, sociais e étnicas em contínua mudança.

### À GUIA DE CONCLUSÃO

Confrontando o passado e o presente da festa do Divino busca-se rememorar as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, ora para atender os motivos da Igreja, ora para a adequação da cidade às “normas” de eficiência e modernidade necessárias à dinâmica da capital. A antiga Igreja Matriz do Bom Jesus de Cuiabá, hoje a Catedral Metropolitana, edificada em estilo barroco no centro histórico da cidade, defronte a Praça da República, é marco de onde aflorou o núcleo do povoamento urbano de Cuiabá e local da celebração da festa do Divino.

Nos anos sessentas do século XX, assistimos com perplexidade a demolição da Igreja setecentista, reconstruída e ampliada em estilo neoclássico. Os casarões coloniais do entorno, paulatinamente foram sendo substituídos por prédios de vários andares, comerciais ou residenciais. As ruas, praças e demais logradouros públicos, antes arborizados com palmeiras e jardins, também se transformaram, vestindo-se de asfalto, cimento e ferro. Os transeuntes das ruas do centro comercial e de lazer, hoje são predominantemente faces estranhas, de migrantes que se integram à população endógena e contribuem na construção de múltiplas identidades. (Bordest & Passos, 2009).

Evidentemente, nos últimos 50 anos o mundo mudou. Mudaram, também, as pessoas que hoje se movimentam com mais facilidade entre cidades, Estados e países. As palavras de Hall (2003, p.70) não são sem propósito: “Diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo”. Outrora a festa do Divino Espírito Santo ocorria dentro da minúscula igreja, mesmo que abarrotada de gente. As mulheres, com seus missais, terços e véus recobrando a cabeça, dividiam o espaço com os homens vestidos a caráter para a ocasião. Após a missa, o tradicional *chá com bolo*. No domingo da festa de encerramento, realizada a cerimônia religiosa, havia também o almoço. À noite, o baile. Todos faziam roupas novas para a ocasião. E eram três mudas: para a missa, para o almoço e para o baile, encerrando os festejos.

Hoje, a celebração desta festa continua existindo, mas, diferentemente de épocas passadas, já não ostenta o glamour de então. Fiquemos outra vez com Hall (2003, p.12): “o sujeito previamente vivido, como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”.

A descrição de trechos da festa do Divino Espírito Santo interpretada por autores locais do início e meados do século XX, obtidos através de registros dos arquivos de Dunga Rodrigues, Rubens de Mendonça, Maria de Lourdes Bastos, entre outros autores cuiabanos, pode aguçar nossa imaginação, levando à identificação da tensão entre o global/local e da compressão espaço-tempo e identidades. Pergunta-se: As novas identidades – híbridas - estão tomando o lugar de antigas identidades regionais?

## REFERÊNCIAS

- BETANNINI, T. *Espaço e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São paulo: Hucitec, 1996.
- BRANDÃO, C. R. *A cultura na rua*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- ESCOSTEGUY, A. C. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.
- \_\_\_\_\_. Minimal Selves. In: *Identity: The Real Me*. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.
- HARLEY, J. B. *A nova história da cartografia*. *O correio da Unesco*, v. 19, n. 8, p. 4-9, 1991.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Gaston Bachelard, *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais*. Brasília, DF: IPHAN, 2012.
- LEFEBVRE, H. *Espacio y Política: el Derecho a la Ciudad II*. Barcelona: Península, 1976.
- MATO GROSSO. Museu de Arte e de Cultura Popular. Centro Cultural: Patrimônio Imaterial Mato-Grossense. Exposição: 17/3-16/4/2º11. (Catálogo).

PASSOS, Luiz Augusto; BORDEST, Suíse Monteiro Leon. Percepção ambiental nos espaços de cultura: centro histórico de Cuiabá. In: Revista eletrônica: *OLAM*, 2009.

RAMOS, Maria de Lourdes Silva. *Relembrando os festejos do Senhor Divino*. Cuiabá: Terra Editora, 2000.

TEIXEIRA, Salette Kozel & NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. In: *Geografia 13*. São Paulo: Humanitas, 1999. P. 237-257.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia d Oliveira. São Paulo: Difel: 1983.

\_\_\_\_\_. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valorização do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. *São Paulo*: Difel: 1980.

FESTA DO SENHOR DIVINO. Cuiabá: Gráfica Print, 2013 (Fascículo).

Documentação

• **Arquivo da Casa Barão de Melgaço**

- *Acervo Família Mendonça*

- ACBM/FM 41 – texto sobre a realização da festa do Divino, sem autor. Cuiabá, s/data.

- ACBM/FM 128 – Panfleto contendo a oração do Divino Espírito Santo. Cuiabá, s/data.

- ACBM/FM 981 – Trova intitulada *Senhor Divino*, sem autoria. Cuiabá, 1969.

- ACBM/FM 982 – Edital convidando os fiéis para a festa do Senhor Divino, em comemoração dos 250 anos de fundação de Cuiabá. Cuiabá, 1969.

- ACBM/FM 991 – Cópia do texto *Senhor Divino*, s/autor. Cuiabá, s/data.

- *Acervo Família Rodrigues*

- ACBM/FR/DUNGA/PI/49. Textos inéditos e já publicados sobre a Festa do Senhor Divino.

- ACBM/FR/DUNGA/PI/51 – Poesia sobre a Festa do Divino

- ACBM/FR/DUNGA/PI/316 – Texto sobre a Festa do Divino

- *Entrevista*

FERREIRA, João Carlos Vicente. Cuiabá, 10 de junho 2013. Entrevistadora Suíse Monteiro Leon Bordest.

THOMPSON, Kenneth. Social pluralism and post-modernity. In: HALL, Stuart; HELD, David; MC GREW, Tony (Orgs.). *Modernity and its futures*. Cambridge: Polity Press/Open University Press, 1992.